

O DESEJADO E O REJEITADO: o SEBASTIANISMO QUE CHARLES EXPILLY ENCONTROU POR AQUI

*The desired and the rejected: the Sebastianism that
Charles Expilly found here*

André Scoville*

A história era romanesca demais
para não seguir seu curso.
Charles Expilly

UM VIAJANTE FRANCÊS

Parece mesmo um atavismo essa vontade irrefreável do viajante de relatar suas experiências em outras terras. Dependendo da habilidade do narrador, esse ímpeto de contar é correspondido pelo interlocutor com um anseio igualmente poderoso de conhecer através do relato. A tarefa de prender a atenção de seu público fica mais fácil na medida em que essa habilidade de narrar é acompanhada pela escolha adequada de qual experiência se deseja transmitir e pela novidade do que é apresentado.

Desde o começo da colonização do Brasil, os viajantes europeus alimentaram a imaginação de seus leitores com relatos sobre este mundo novo repleto de exuberâncias e extravagâncias. Com as mais variadas motivações, os relatos se multiplicaram como parte de um processo de descobri-

* Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná

mento do Brasil que até hoje não cessou. Já no século XVIII, as expedições de caráter científico se intensificavam e no começo do século seguinte, com a mudança da família real portuguesa para o Rio de Janeiro e com o decreto de abertura dos portos às nações amigas, cresceu ainda mais o número de viajantes que se aventuraram no território brasileiro.

No entanto, nem todos os relatos de viajantes europeus sobre o Brasil do século XIX estão vinculados a essas expedições científicas financiadas, em muitos casos, com recursos estatais. Alguns relatos nasceram de viagens providenciadas mais ou menos pelo acaso. Foi o que aconteceu ao polêmico viajante francês Jean Charles Marie Expilly que, em 1852, veio para o Brasil tentar fortuna.

Charles Expilly, já então com alguns livros publicados na França, estabeleceu-se no Rio de Janeiro e, na falta de melhor oportunidade, assumiu um cargo de direção na fábrica de fósforos de seu primo Nausier. Procurando alternativas para se manter no Brasil, conseguiu, em 1853, uma audiência com o Imperador Dom Pedro II, ocasião em que propôs a criação de um estabelecimento de ensino para as filhas de funcionários do governo, o qual seria dirigido por sua esposa. O Imperador apreciou a idéia e determinou que a esposa de Expilly elaborasse um estudo completo sobre o estabelecimento. Todavia, esse projeto não foi adiante e Expilly continuou desempenhando suas atividades comerciais.

Mas havia outro propósito para sua permanência no Brasil. Expilly, provavelmente inspirado pelas leituras que fez de relatos de outros viajantes, pretendia escrever sobre o Brasil. De maneira inesperada, o vínculo com a fábrica de fósforos facilitou a tarefa de Expilly. A proposta de ampliar o mercado para os produtos da fábrica partiu de Nausier e foi recebida com entusiasmo por Expilly, que viu ali uma grande oportunidade:

O projeto de Nausier me agradava bastante. Além de curta visita a Pernambuco, eu não conhecia do Brasil mais do que o Rio de Janeiro e seus arredores, cenário muito restrito para um homem que se propunha publicar suas impressões. (...)

Como se vê, a perspectiva do lucro, um lucro intelectual, tentava-me sobremodo, e eu já bendizia os fósforos, que permitiriam enriquecer as minhas notas de novos documentos. Nenhum governo me subvencionava. Nem eu era bastante rico para viajar a minha custa, pelo meu único prazer. Graças ao nosso humilde ramo de negócios, eu poderia visitar curiosas localidades, ver, instruir-me e acumular desse modo, servindo ao nosso estabelecimento, abundante provisão de impressões.¹

¹ EXPILLY, C. *Mulheres e costumes do Brasil*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000, p. 30.

Efetivamente, após retornar à França, Expilly escreveu sobre suas experiências em terras brasileiras. O primeiro livro, *O Brasil tal qual é (Le Brésil tel qu'il est)*, publicado em 1862, referia-se, principalmente, à sua estadia na capital e obteve razoável sucesso de público, de modo que, em 1864, já era lançada sua terceira edição.

Em 1863, Expilly publicou *Mulheres e costumes do Brasil (Les femmes et les moeurs du Brésil)*, que considerou o complemento necessário de suas impressões, para dar conta, por sua vez, dos aspectos do interior do Brasil, observados durante sua viagem como representante da fábrica de fósforos.

Quem o acompanha nesta viagem com destino a São Jorge dos Ilhéus é Fruchot, um amigo de infância que Expilly reencontrou, por acaso, no Rio de Janeiro. Fruchot era casado com Manuela, uma escrava negra por quem se apaixonara e cuja liberdade conseguira comprar. Manuela também os acompanhou na viagem e sua companhia é pretexto para os constantes elogios à beleza da mulher negra, bem como para as diversas manifestações contrárias ao racismo e ao regime escravocrata, que constituem, afinal, um dos propósitos centrais do livro de Expilly.

O INIMIGO DO BRASIL

As obras de Expilly angariaram a antipatia de inúmeros estudiosos contemporâneos e mesmo posteriores. A começar pela recepção de *O Brasil tal qual é*, não foram poucos os que apontaram a má vontade e a maledicência de Expilly em relação ao Brasil como consequências de seu ressentimento pelo insucesso financeiro de sua aventura brasileira. Sobre este livro, Gilberto Freyre escreveu:

Quem já leu o livro de Charles Expilly sabe quanto há nas suas 382 páginas de injusto, de malicioso, de caricaturesco contra o Brasil – todos esses abusos disfarçados sob o aspecto do que hoje alguns chamariam de objetividade. O autor é o que pretende ser: “*ni pamphlétaire ni thuliféraire*”. Na realidade, é mais do que panfletário.

Num livro assim em seu modo de ser mais que panfletário é significativo encontrar-se, da parte do furioso autor, um irreprimível respeito pela personalidade de Pedro II: “*honnête homme autant*

qu'homme instruit avant tout..." Monarca a quem o panfletário não conseguiu negar uma "philanthropie éclairée".²

Ainda mais polêmicas foram as reflexões de Expilly sobre a Guerra do Paraguai, apresentadas em *La vérité sur le conflit entre le Brésil, Buenos-Ayres, Montevideo et le Paraguay* (1865), *Le Brésil, Buenos-Ayres, Montevideo et le Paraguay devant la civilisation* (1866) e *Le Paraguay* (1866). A posição "paraguaia" atribuída a Expilly foi prontamente combatida por vários escritores, entre eles: Leopold Arnaud, *La vérité vraie sur le conflit entre le Brésil, Buenos-Ayres, Montevideo et le Paraguay, réponse à M. Charles Expilly et à la Gazette du Midi* (1865); Joaquim Antonio Pinto Junior, *O charlatão Carlos Expilly e a verdade sobre o conflito entre o Brasil, Buenos Aires, Montevidéo e o Paraguai* (1866); João Carlos Moré, *Antes de tudo a verdade* (1868) e *Reflexões sobre a brochura do sr. Ch. Expilly, "Le Brésil, Buenos-Ayres, Montévidéo et le Paraguay devant la civilization"* (1868).³

Já em 1976, o historiador Américo Jacobina Lacombe, em sua introdução para *Mulheres e costumes do Brasil* (edição publicada em 1977), também não poupou críticas ao visitante francês:

Deve o Brasil à França algumas contribuições do mais alto valor no capítulo de viajantes. Brilham, acima de todos, os nomes de Ferdinand Denis, o patriarca do franco-luso-brasilismo, e Saint-Hilaire, um dos mais honestos e completos cientistas que percorreram nosso território.

No meio de tão notável teoria de sábios insinuam-se alguns aventureiros que não honram as altas qualidades morais e intelectuais da nação francesa. Mas valem suas obras, se não como vera efigie do país que visitaram, ao menos como um depoimento pitoresco

² FREYRE, G. *Dom Pedro II julgado por alguns estrangeiros seus contemporâneos*. Petrópolis: Museu Imperial, 1970. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos.html>> Acesso em: jul/2005. Trechos deste artigo também foram citados por Américo Jacobina Lacombe na orelha do livro *Mulheres e costumes do Brasil*, em sua edição de 1977.

³ Estas e outras informações sobre a bibliografia de Charles Expilly foram obtidas reunindo e confrontando os dados fornecidos por Américo Jacobina Lacombe, na introdução de *Mulheres e costumes do Brasil*, com os catálogos da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca Nacional da França, sendo que, nos poucos casos de divergências, foi dada preferência à última fonte citada. Charles Expilly escreveu também utilizando diversos pseudônimos como Visconde de Canourgues, Tisté, C. E. Du Thourat e Thourat. Como Claude De La Poépe, publicou *L'ouverture de l'Amazone et ses conséquences politiques et commerciales* (1867) e *La politique du Paraguay. Identité de cette politique avec celle de la France et de la Grande Bretagne dans le Rio de la Plata* (1869). O tema da emigração francesa também foi recorrente entre seus interesses, tendo publicado *Du mouvement d'émigration par le port de Marseille* (1864) e *La traite, l'émigration et la colonisation au Brésil* (1865). O envolvimento com esse tema e suas críticas à propaganda oficial que promovia a emigração para a América Latina, teve como provável decorrência sua nomeação, em 1866, como comissário adjunto de emigração em Havre e, posteriormente, comissário em Marselha. Em contrapartida, seu posicionamento alimentava a crítica que o tomava como um "inimigo do Brasil".

de observadores espertos, porém, maliciosos, da terra que os aco-
lheu.⁴

O próprio Gastão Penalva, que, em 1935, traduziu para o português *Mulheres e costumes do Brasil*, parece quase desculpar-se por tê-lo feito. Já apresenta o livro advertindo de que se trata de um livro escandaloso (ora para o “bem”, ora para o “mal”) e que sua principal importância é documental. No entanto, abre espaço para outra apreciação ao pedir que o leitor julgue esses capítulos com o “espírito tranqüilo, desprendido de falsas pa-
triotadas, dessas clássicas patriotadas que nos fazem, esquecidos de lavar a roupa de casa, estremecer de rancor se alguém de fora nos aponta as sujeiras.”⁵

Este é um bom conselho, ao qual sugiro acrescentar uma especial atenção para a influência que o romancista Expilly⁶ parece haver exercido no estilo de seus relatos sobre o Brasil. É possível reconhecer em *Mulheres e costumes do Brasil* uma mescla de interesses que influenciaram o processo de construção da narrativa. Primeiramente, ainda é encontrado no livro algum vínculo com aquela pretensão científica de fazer registros sobre a natureza e, principalmente, sobre a cultura brasileira. Porém, mais do que registrar, Expilly faz questão de avaliar e julgar tudo aquilo que encontra pelo caminho. O que se vê é um constante embate entre o novo e o velho mundo, entre o “primitivo” (por vezes, bárbaro) e o “civilizado”, em que se enraizam as concepções de Expilly.

Apesar de se reservar o direito de proferir a palavra final sobre a novidade brasileira, Expilly, em várias ocasiões, demonstra estar aberto para ouvir a voz do outro. É o que se nota especialmente no longo debate sobre civilização e barbárie que trava com o índio botocudo “Tio Barrigudo”, também alcunhado como “advogado-vermelho”. Nesse debate, Expilly testa seus conhecimentos e seus preconceitos e, muitas vezes, demonstra simpatia pelos argumentos do índio.

A postura antropológica de Expilly pode ser compreendida com o apoio das reflexões de Octavio Ianni sobre o viajante diante do desconhecido:

Por mais que se liberte e se abra ao novo e desconhecido, ao que parece não codificado, sem face nem nome, ainda assim se agarra

⁴ LACOMBE, A. J. Expilly e o Brasil. In: EXPILLY, op. cit., p. 9.

⁵ PENALVA, G. Ao leitor. In: EXPILLY, op. cit., p. 13.

⁶ Expilly escreveu os romances *Le pirate noir* (1845), *La cabra d'or* (1864), *Les aventures du capitaine Cayol, Marseillais de Roquevaire, professeur de grec moderne* (1866) e como poeta publicou *Adieu suprême* (1842).

ao que era, foi e continua a ser. Isto porque muitas vezes o viajante está à procura de si mesmo. No curso da travessia, a despeito de despolar-se, libertar-se e abrir-se, reafirma seu modo de ser, observar, sentir, agir, pensar ou imaginar.⁷

Ao lado de pretensos interesses científicos e filosóficos, a seleção dos episódios que Expilly privilegia em sua narrativa obedece ainda a seus interesses literários. O livro *Mulheres e costumes do Brasil* pode ser visto como um encadeamento de crônicas de costumes, em que a preferência recai sobre o pitoresco como estratégia para corresponder à curiosidade do leitor europeu.

Exagerando um pouco, talvez seja uma inversão daquilo que Flora Süsskind afirmou sobre alguns autores brasileiros do século XIX: "Há ocasiões, inclusive, em que o narrador de ficção parece esquecer a história que narra e assume francamente a máscara do viajante."⁸ Talvez Expilly estivesse mesmo deixando o ficcionista tomar as rédeas dos seus relatos de viagem, colocando-os naquele "meio do caminho" entre o ficcional e o documental.

Sobre as críticas que *O Brasil tal qual* é recebeu, as quais reclamavam da ausência de cuidado na verificação de dados e da falta de fontes documentais, a defesa de Expilly esclarece suas intenções como cronista de costumes:

Realmente, não se trata de árida e insípida monografia o que intentei escrever. Esse gênero de trabalho tem seu mérito. Demanda tempo e investigação. A coordenação das matérias exige espírito judicioso e prático.

Se fosse só esse meu objetivo, nada haveria de mais simples. Como tantos outros, eu teria compilado, compilado, compilado...⁹

De todos os episódios narrados em *Mulheres e costumes do Brasil*, o encontro de Expilly com o sebastianista de São Jorge de Ilhéus é especialmente interessante, entre outros motivos, por exemplificar o cuidado que o autor tem com sua construção narrativa. Esse episódio é denominado no índice da obra como "A seita dos sebastianistas".

⁷ IANNI, O. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 30.

⁸ SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 56.

⁹ EXPILLY, op. cit., p. 16.

EXPILLY E O SEBASTIANISMO

Não se deve duvidar de que o tema do sebastianismo, na metade do século XIX, ainda fosse atraente para os leitores europeus. Muitos estudos haviam tratado do assunto no início daquele século e houve mesmo um ressurgimento do sebastianismo em Portugal por ocasião da invasão napoleônica, conforme atesta Jacqueline Hermann no ensaio “Dom Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas”: “O início dos oitocentos assistiu a uma nova onda do ímpeto sebastianista, agora confrontado, dentro do reino, pelas correntes que se consideravam racionalistas.”¹⁰

Já em 1843, Almeida Garrett retomava, no drama *Frei Luís de Sousa*, o mito do retorno de Dom Sebastião, rei português desaparecido durante a batalha de Alcácer-Quibir em 1578. Dois anos após a publicação desta que é uma das mais importantes obras do teatro português, Garrett voltava ao tema, desta vez, com uma comédia, *As profecias do Bandarra*, satirizando os seguidores do culto sebastianista.

Em seu enfoque sobre a presença desse mito no Brasil, Expilly se filia à corrente daqueles que definem essa crença como absurda, o que parece expressar a opinião majoritária sobre o sebastianismo naquele tempo:

Embora sejam impiedosamente ridicularizados pelos seus patrícios, os sebastianistas, à parte a sua mania, são pessoas laboriosas e inofensivas. Vivem há três séculos à espera do feliz acontecimento anunciado pelos oráculos.¹¹

Quanto aos conhecimentos que o viajante francês teria sobre a história de Dom Sebastião, vale observar a menção de Expilly ao português Jerônimo Mendonça. O fato do autor de *Jornada de África* (livro publicado pela primeira vez em 1607) ser descrito por Expilly como um dos “historiadores sérios” que trataram do assunto, permite perceber uma certa limitação em seu repertório, além de uma possível simpatia, não para com o sebastianismo, mas para com o rei Dom Sebastião, uma vez que, conforme aponta Valensi, Jerônimo Mendonça, que participara da batalha de Alcácer-Quibir, “constrói sobretudo o personagem de um rei sagaz (...); de um combatente heróico no momento de maior perigo; e enfim, de um cristão inteira-

¹⁰ HERMANN, J. Dom Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 118, dez. 2002.

¹¹ EXPILLY, op. cit., p. 93.

mente dedicado ao serviço da fé.”¹² Os autores Robert Walsh e Ferdinand Denis, por sua vez, são citados por Expilly especialmente para apresentar ao leitor outros casos de sebastianistas no Brasil. Deve-se ressaltar que os relatos de Walsh e Denis sobre o sebastianismo no Brasil são praticamente idênticos, tanto nas informações contidas quanto na ordem de apresentação, a ponto de se poder afirmar que Denis, que cita Walsh apenas num segmento específico e numa nota de rodapé, utilizou o texto do autor irlandês para, com algumas modificações e sem atribuir claramente a Walsh tudo o que lhe era devido, compor seu próprio texto.¹³

Pela comparação das informações contidas nos textos de Expilly, Walsh e Denis, denota-se que Expilly, ao que parece, leu apenas o livro de Denis. Alguns indícios levam a essa conclusão – por exemplo, o fato de Expilly mencionar Walsh exatamente na mesma reflexão em que este é explicitamente referenciado por Denis. Outro indício é a informação fornecida por Denis, baseado em Walsh, sobre a aposta do coronel Souza Meireles com Mourão Telo, em que o primeiro comprometia-se, por meio de um contrato, a pagar dez contos de réis ao segundo, se Dom Sebastião *não retornasse num prazo de dez anos*. Conforme Walsh, o pagamento ocorreria *se o rei aparecesse*. Além disso, Walsh aponta que o valor da aposta foi posteriormente aumentado para doze contos de réis, todavia esta informação não constou no relato de Denis. O registro de Expilly sobre as condições e o valor da aposta coincide com o descrito por Denis.¹⁴

De qualquer modo, Expilly menciona esses casos de sebastianismo no Brasil para ornamentar o episódio que aparece no livro *Mulheres e costumes do Brasil*. O preâmbulo da história é o engracado confronto entre hábitos franceses e portugueses/brasileiros protagonizado por Expilly e Fruchot e pelo capitão Sebastião Pedro Vermelho, comandante do navio que os levava até São Jorge dos Ilhéus. Dentre os exemplos de “falta de educação” que Expilly observava no capitão e nos brasileiros à bordo, o que mais incomodava aos dois franceses eram os “suspiros” (eufemismo para “arrotos”) que se seguiam às refeições. A discussão sobre o assunto gerou uma pequena rivalidade entre os dois grupos e o acaso da descoberta, por parte

¹² VALENSI, L. *Fábulas da Memória*: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 28. Na verdade, Expilly parece apenas repetir a opinião de Ferdinand Denis sobre Jerônimo Mendonça.

¹³ As obras em questão são *Notices of Brazil in 1828-1829*, de Robert Walsh (cuja primeira edição é de 1830), e *Brésil*, de Ferdinand Denis (cuja primeira edição é de 1837). Mesmo sem ter tido acesso a essas primeiras edições, o que seria fundamental para uma conclusão mais apurada, considero essa observação ainda assim válida, uma vez que Denis faz referência ao livro de Walsh.

¹⁴ EXPILLY, op. cit., p. 93; WALSH, R. *Notícias do Brasil*. v. 1. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985, p. 167; DENIS, F. *O Brasil*. v.1. Salvador: Livraria Progresso, 1955, p. 253. Vale registrar também que há pequenas variações nas três obras em relação aos nomes dos apostadores.

de Expilly, de que os “suspirantes” se escandalizavam com expressões como “diabos me levem” forneceu o elemento necessário para um acordo. Deu-se então a renúncia aos “suspiros” em troca da supressão de qualquer menção ao diabo.

No entanto, o confronto teve ainda outro desdobramento. Já no desembarque da viagem, Fruchot, querendo dar uma lição no capitão a respeito de outro hábito descrito como deplorável, presenteia-o com uma caixa de lenços. A resposta do capitão a essa provocação vem um pouco depois e acaba proporcionando o episódio sebastianista. O capitão provi-dencia que Pedro Pacheco de Carvalho, notório sebastianista da vila, acreditasse que Expilly e Fruchot estavam em missão a mando de Dom Sebastião. O encontro de Expilly e Fruchot com o senhor Carvalho é hilariante, com os dois franceses demorando para entender e acreditar no que estavam ouvindo. Carvalho queria notícias de Dom Sebastião. Passada a surpresa inicial, Fruchot entra na brincadeira e inventa uma história que alimenta as espe-ranças do sebastianista.

Aos poucos, a história de Carvalho vai sendo revelada. Filho de um sebastianista, Carvalho fora vítima de um engodo na juventude. O co-merciante Afonso da Silva, rival de Carvalho na disputa pelo amor da jovem Marciana, preparou-lhe uma farsa. Com a ajuda de amigos, montou uma verdadeira encenação teatral para iludir Carvalho. Tudo começa com Car-valho recebendo um aviso para ir até a praia e esperar uma pessoa mas-carada que pronunciaria o nome Sebastião. Chegando lá, Carvalho é levado de barco por essa pessoa até outra praia onde encontra mais dois mascara-dos que o conduzem numa longa caminhada mato adentro. Entram, então, numa habitação onde outras pessoas já aguardavam o grupo. A descrição da cena é preciosa e merece ser reproduzida:

Um deles ocupava uma espécie de estrado, coberto de rico tapete. Os dois outros estavam sentados sobre almofadas a seus pés, como que para conservar a distância que os separava dos companheiros. Todos os três tinham as pernas cruzadas à moda muçulmana e traziam um costume oriental. Observava-se uma lanterna lumino-sa no turbante do primeiro, enquanto que o indivíduo sentado a sua direita estava vestido de uma túnica de eremita. Dir-se-ia um religioso do Líbano.¹⁵

Essa dissonância entre o cenário oriental e os propósitos de difu-são da fé católica que, entre outras razões, nortearam a empreitada africa-

¹⁵ EXPILLY, op. cit., p. 94.

na de Dom Sebastião é cômica e não é a única. No quadro geral, todo o episódio é marcado pela comicidade das divergências entre a farsa encenada e a história do rei desejado. Os personagens da farsa fazem Carvalho crer que está diante de Dom Sebastião e que desempenhará um papel importante no dia da Restauração. Por sua lealdade, Carvalho recebe duas recompensas. A primeira é a nomeação como capitão-mor, auferida por meio de um pergaminho com as armas do rei. A outra recompensa é a promessa de seu casamento com Aureliana Luísa Anastácia Inês Felipa, “filha de Dom Sebastião”, que aconteceria após o ressurgimento do desejado.

É evidente o aproveitamento satírico do contraste de certos elementos desse episódio com os acontecimentos históricos. Um exemplo é a invenção de uma filha para um rei casto, cuja atração pelo sexo oposto sempre foi, para dizer o mínimo, duvidosa. A escolha do nome Felipa complementa a ironia com uma alusão ao rei de Castela que, após o desaparecimento de Dom Sebastião e a morte do cardeal Dom Henrique, venceria a disputa sucessória pelo trono português e estabeleceria o domínio espanhol em Portugal.

De modo inusitado, todos esses detalhes passam desapercebidos por Carvalho que, envolvido pela farsa, abdica da jovem Marciana e abre caminho para seu rival desposá-la. Carvalho passa o resto de seus dias imaginando-se capitão-mor, noivo da infanta Felipa e aguardando o retorno de Dom Sebastião.

É interessante notar, por meio deste relato de Expilly, em que conta era tomado o sebastianismo naquele contexto. A crença de Carvalho era seguramente alvo de chacota na vila e motivo de riso para pessoas de todas as classes sociais (como se percebe nos sorrisos, ora de piedade ora irônicos, que alguns escravos não conseguiam disfarçar quando o assunto era o sebastianista). Expilly chega a referir-se a Carvalho como um “monomaníaco”. Tal representação parece ser indicativa do senso do comum naquela época, ou seja, meados do século XIX, tanto em Portugal quanto no Brasil. De fato, esse quadro tem sua origem algumas décadas antes. De acordo com Sampaio Bruno, passado o surto sebastianista dos primeiros anos do século XIX, a crença vai esmaecendo em face da influência do ceticismo voltaírianista no modo de pensar dos portugueses eruditos:

De maneira que as ansiedades sebásticas, à geração romântica do liberalismo português pareceram-lhe sempre grotescas, e o tipo do sebastianista deu-lhe ensejo sempre à deformação caricatural, desde a comédia de Garrett visando no motejo as profecias do

Bandarra até ao simples esboço de figura pelos artigos emoldurantes de D. José de Almada, Latino Coelho e Luís Palmeirim ...¹⁶

A comédia de Garrett mencionada por Sampaio Bruno é *As profecias do Bandarra* (1845). O tratamento jocoso empregado por Garrett é bastante similar ao do episódio narrado por Expilly. Além disso, a farsa e a exploração da credulidade dos sebastianistas também estão presentes e são o mote da comicidade da obra de Garrett.

Nessa peça, o sapateiro Tomé Crispim, por conhecer alguns versos de Bandarra, é tomado como sendo o próprio Bandarra pelo sebastianista Pantaleão. Tomé recebe dinheiro e outras regalias de Pantaleão e, mesmo sem compreender bem a situação, tenta prolongar a farsa. A mulher de Tomé, Ana da Troixa, reforça a crença de Pantaleão elaborando várias artimanhas relacionadas ao mito. A confusão aumenta quando Pantaleão, que desconhece o fato de Tomé ser casado com Ana, resolve casá-lo com sua filha Catarina. No entanto, esse casamento não poderia ocorrer, uma vez que Catarina e seu primo Sebastião estavam apaixonados (e, é claro, também por Tomé já ser casado). Como no episódio de Expilly, prepara-se, então, uma encenação para enganar o sebastianista. Na hora do casamento, com todos devidamente paramentados, Tomé anuncia a chegada do encoberto, o qual desposaria Catarina em seu lugar. À meia-noite surge Sebastião, não o rei, mas o primo, que, com o rosto oculto pela viseira baixada, consegue iludir Pantaleão e casar-se com Catarina.

Nas histórias de Garrett e de Expilly, os sebastianistas são ludibriados por pessoas que exploram sua credulidade para conseguirem o que desejam. De certa forma, os sebastianistas são vítimas de suas convicções. No entanto, tanto Pantaleão quanto Carvalho esperavam também obter vantagens pessoais com o retorno do rei e isso aponta uma característica do sebastianismo, em que patriotismo e religiosidade se aliam à expectativa por privilégios e recompensas.

Ambos os sebastianistas são caricatos. Todavia, enquanto Garrett reserva para Pantaleão castigos por sua credulidade, Expilly ainda demonstra alguma admiração para com Carvalho, principalmente, para com seu idealismo e sua fé inquebrantável, que não deixa de ver como virtudes do velho sebastianista. Mesmo assim, esse respeito por um homem que “desafiava com excessiva coragem o ceticismo da época”¹⁷ é acompanhado por

¹⁶ SAMPAIO [BRUNO], José Pereira de. *O encoberto*. Porto: Lello & Irmão, 1983. p. 251.

¹⁷ EXPILLY, op. cit., p. 91-92. Em concordância com a observação feita por Sampaio Bruno.

um sentimento de compaixão que, em vez de dignificar, faz parecer ainda mais patético o objeto da crença de Carvalho.

Polêmicas à parte, o viajante Expilly deixou para seus leitores uma série de boas histórias e, entre elas, essa divertida passagem sobre o sebastianismo, repleta de elementos que ajudam, direta ou indiretamente, a compreendê-lo um pouco melhor. Uma informação, por exemplo, que se reproduz em Expilly, em Walsh e em Denis, é de que, naquela época, o sebastianismo, mesmo ainda contando com número expressivo de seguidores, restringia-se a indivíduos isolados. Dabadie, citado por Maria Isaura Pereira de Queiroz,¹⁸ afirma, em 1860, que o número de sebastianistas no Brasil já diminuía consideravelmente. No entanto, vale lembrar que, algumas décadas antes, o interior do Pernambuco fora cenário de duas importantes manifestações coletivas de sebastianismo, ambas com desfechos trágicos: a “Cidade do Paraíso Terrestre” (1817-1820), na serra do Rodeador; e o “Reino Encantado” ou “Reino da Pedra” (1836-1838), que inspirou posteriormente os romances *Pedra bonita*, de José Lins do Rego e *Romance d'A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, de Ariano Suassuna.

O episódio da serra do Rodeador teve início com as pregações de Silvestre José dos Santos anunciando que a volta de Dom Sebastião traria prosperidade para os crentes. Centenas de pessoas uniram-se a Silvestre e foi fundada a Cidade do Paraíso Terrestre. Em 1820, Luís do Rego Barreto, governador de Pernambuco, decidido a combater aquele núcleo de fanatismo, enviou uma tropa do exército que aniquilou o povoado.

No “Reino da Pedra”, os acontecimentos foram ainda mais violentos. João Ferreira, líder daquela comunidade sebastianista, profetizava que Dom Sebastião retornaria se duas grandes pedras localizadas no atual município de São José do Belmonte fossem lavadas com o sangue dos crentes. Em 14 de maio de 1838, foram iniciados os sacrifícios. Dezenas de pessoas foram mortas esperando ressuscitar quando Dom Sebastião fosse “desencantado”. A notícia da tragédia se espalhou e, alguns dias depois, uma tropa invadiu e acabou com o “Reino da Pedra”.

Expilly não faz menção a esses episódios, mas sabe-se lá o que “o inimigo do Brasil”, que retratou tantas vezes os brasileiros como incivilizados, poderia ter escrito sobre isso... Talvez o incendiário Expilly encontrasse ali mais pólvora onde jogar os fósforos de sua fábrica. Ou talvez exercitasse mais uma vez sua compaixão para com os incultos porém idealistas. Talvez ainda, por reconhecer que o mito do sebastianismo era seguido tanto por “bárbaros” quanto por “civilizados”, criticasse o fanatismo, mas desse uma trégua aos brasileiros.

¹⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. D. Sebastião no Brasil: o imaginário em movimentos messiânicos nacionais. *Revista USP*, São Paulo, n. 20, dez./fev./1994.

RESUMO

Em *Mulheres e costumes do Brasil*, o viajante francês Charles Expilly narra seu encontro com um sebastianista em São Jorge dos Ilhéus. Esse episódio ajuda a compreender a situação do sebastianismo em meados do século XIX.

Palavras-chave: *Charles Expilly; sebastianismo; relatos de viagem.*

ABSTRACT

In *Mulheres e costumes do Brasil* (Women and customs of Brazil), the french traveler Charles Expilly tells about his meeting with a sebastianist in São Jorge dos Ilhéus. This episode helps to understand the situation of sebastianism in the middle of the 19th century.

Key-words: *Charles Expilly; sebastianism; traveling reports.*

REFERÊNCIAS

- DENIS, Ferdinand. *O Brasil*, 2 v. Salvador: Livraria Progresso, 1955.
- EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Tradução de: Gastão Penalva. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Dom Pedro II julgado por alguns estrangeiros seus contemporâneos*. Petrópolis: Museu Imperial, 1970. Disponível em: <<http://prossiga.bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos.html>> Acesso em: jul. 2005.
- GARRETT, Almeida. As profecias do Bandarra. In: _____. *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, 1963, v. 2.
- HERMANN, Jacqueline. Dom Sebastião contra Napoleão: a guerra sebástica contra as tropas francesas. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 108-133, dez./2002.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. D. Sebastião no Brasil: o imaginário em movimentos messiânicos nacionais. *Revista USP*, São Paulo, n. 20, p. 28-41, dez./1993-fev./1994.
- SAMPAIO [BRUNO], José Pereira de. *O encoberto*. Porto: Lello & Irmão, 1983.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória*: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo. Tradução de: Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SCOVILLE, A. O desejado e o rejeitado: o Sebastianismo que Charles Expilly...

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. Tradução de: Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985. 2 v.